

ípsilon

Estoril Film Festival

O grande ditador

Avassalador documentário:
"Autobiografia de Nicolae Ceausescu"

Kathryn Bigelow

Retrospectiva de uma cineasta
que sempre fez o que quis

Chris Marker

Inqualificável: documentário,
ficção, ensaio, e por vezes
tudo junto



Lucia Riff

Os desafios de

Transferência de autores, leilões para a compra e venda de direitos, negociações para “e-books” e ainda o acordo ortográfico.

A brasileira Lucia Riff conta-nos como é o seu trabalho.

Isabel Coutinho, em Frankfurt

Pense em Rubem Fonseca, Carlos Drummond de Andrade, Lygia Fagundes Telles, Adélia Prado, Zuenir Ventura, Erico e o seu filho, Luis Fernando Veríssimo, Ariano Suassuna, Rachel de Queiroz, Lya Luft e Mário Quintana. E saiba que as suas obras estão nas mãos de Lucia Riff, a principal agente literária brasileira, com uma agência com mais de 15 anos sediada no Rio de Janeiro, que divide agora com os filhos, Laura e João Paulo, e representa 55 autores brasileiros ou seus herdeiros.

Foi entre reuniões, na agitação frenética do Literary Agents & Scouts Centre (LitAg), o espaço onde os agentes literários e os editores de todo o mundo se encontram para conversar e negociar, que Lucia Riff conversou com o Ípsilon, na Feira do Livro de Frankfurt. Pousados em cima da mesa estão o novo Tony Belotto, “No Buraco”, comprado pela editora Quetzal; e também “Método prático da guerrilha”, de Marcelo Ferroni (primeiro romance do editor da Alfabeta brasileira), adquirido pela Dom Quixote. Não parece, mas “exportar autores brasileiros sempre foi difícil e vai continuar sendo”, confessa Lucia Riff. Mesmo com o Brasil a ser país convidado da Feira do Livro de Frankfurt em 2013? “Vai melhorar. Mas, mais do que ter vários livros vendidos [cerca de 2000 exemplares, com adiantamentos pequenos], precisamos é de um sucesso.”

A Agência Riff negocia para Portugal autores brasileiros e também estrangeiros. “Boa parte dos nossos clientes representamos apenas para o Brasil. Mas 30 por cento da nossa lista é para a língua portuguesa. Esses negociamos com as editoras portuguesas”, explica a agente, que representa Margarida Rebelo Pinto e Leonor Xavier. “Já fizemos outras vendas de autores portugueses, mas são pontuais. Quando eu represento um autor brasileiro, represento-o no mundo todo e ainda para cinema, teatro, publicidade e palestras.”

Acordo à vista

Como vai ser agora por causa do novo acordo ortográfico? “Não vai mudar nada. Há muitos anos era comum que as editoras - portuguesas ou brasileiras - comprassem direitos para toda a língua portuguesa. Acontecia mais no Brasil. Exportavam-se 100, 200 livros para Portugal, ou vice-versa, e acabava. O livro não viajava mais do que algumas centenas de exemplares através de um distribui-

dor qualquer”. Depois o mercado foi-se profissionalizando. No início da Agência Riff, Lucia só não fazia mais vendas para toda a língua portuguesa porque as suas representações eram só para o Brasil. “Até que dei conta que isso era um erro gravíssimo. O editor brasileiro não estava vendendo absolutamente nada em Portugal. Nós estávamos matando o mercado, matando a possibilidade de o livro ser mais bem explorado e vice-versa. Em Portugal estavam fazendo o mesmo, matando livros que poderiam estar saindo no Brasil.” Então ficou definido: “Se vendo para o Brasil, é para uma editora brasileira que vai imprimir e vender lá. Para Portugal, a mesma coisa. O acordo ortográfico pode ter definido onde é que entram ou saem os acentos - nunca mais vou saber escrever português! [risos] -, mas a maneira de escrever, vocabulário, sensibilidade, isso você não transfere por nenhum acordo ortográfico.”

Aponta para o policial de Tony Belotto, em cima da mesa, e diz que, se no livro existirem palavras que têm um sentido completamente diferente em Portugal, o editor português vai ter de acrescentar notas de rodapé. “Tem palavras que vocês usam que significam outras coisas para nós. Nisso o acordo não interfere. Quanto ao mercado editorial, não me parece que venha a ser afetado.”

Agente por acaso

Ser agente literária aconteceu a Lucia Riff por acaso. Psicóloga, recém-formada, com duas crianças pequenas, conheceu através de um amigo comum, o filho de Clarice Lispector, a famosa agente literária Carmen Balcels. A catalã procurava alguém para a ajudar na agência que tinha aberto no Brasil com uma sócia. Pedia só que essa pessoa tivesse paixão pelos livros e bom inglês. Apesar de não saber nada sobre o negócio editorial, Lucia aventurou-se. “Ela disse-me que aprender o ofício era fácil e quando comecei foi amor à primeira vista. Adorei o trabalho de agente - negociar, conversar, saber tudo com antecedência!”, conta. Depois dessa primeira experiência, foi contratada pela editora Nova Fronteira, onde ficou muitos anos, e esteve também na editora José Olympio, onde integrava a equipa encarregada do Dicionário Houaiss. No final de 1989, Carmen Balcels telefonou-lhe de novo. Tinha rompido com a sócia brasileira e queria fechar a agência no Brasil. “Foi nesse processo que acabei formando

GABRIEL ANDRADE



uma agente literária



Livros

Lucia Riff tornou-se agente literária por acaso, como colaboradora da mítica Carmen Balcells

a minha agência. Em 1990, um ano brasileiro de pesadelo, do plano Collor, com uma inflação louca, trabalhei para a Carmen fechando o negócio dela.” Desde o início que a espanhola foi muito clara e lhe disse: “Lucia, fecha tudo e manda o que resta para Barcelona. Ou, se você quiser, me apresenta uma proposta para continuar no Brasil. Mas aí será a sua agência.”

Chegaram a um modelo, que na altura acharam ser o certo, e foram sócias durante mais de uma década na nova agência de Riff. Quando Carmen Balcells se aposentou da agência em Barcelona, em 2003, os filhos de Lucia Riff, ambos advogados, já trabalhavam com a mãe e Lucia pediu-lhe para ela vender a quota dela (um terço) para vender a quota dela (um terço) para vender a ter uma sociedade com os filhos. “Nunca conseguí ser pequena porque comecei já herdando todo um passado, que não me rendia absolutamente nada, mas que eu tinha de carregar.”

No ano passado, a Agência Riff esteve envolvida nas transferências do escritor Rubem Fonseca, da Companhia das Letras para a Agir, e da escritora Lygia Fagundes Telles, da Rocco para a Companhia das Letras. “No Brasil, por sorte os contratos não são como os ingleses: terminam. Quando isso acontece, é o momento de as pessoas avaliarem. No caso da Lígia, foi bem isso. Era um contrato longo com a Rocco, que chegou a ser renovado, e havia um relacionamento bom. Mas ela estava querendo mudar. É um direito do autor, como é do editor, não quer renovar. O facto de um autor sair de uma editora só significa que, naquele momento, estão buscando coisas diferentes. São momentos muito duros para mim e de muito sofrimento. É muito duro você chegar para um editor e dizer que não vamos renovar o contrato.”

No caso do Rubem Fonseca, houve primeiro um comunicado da Companhia das Letras a dizer que o autor estava a sair da editora por razões que nunca foram explicadas publicamente. “A seguir, houve um leilão e essa foi para mim a parte mais complicada.” Nem sempre os leilões de direitos autorais se resumem a ver quem dá mais. Existem outras maneiras de negociar e esse foi o caso de Rubem Fonseca. As propostas que estavam na mesa tiveram de ser analisadas “como um todo” e isso incluiu não só a avaliação da editora mas também de todo o autor até que ela se propunha fazer com o autor. “Não foi o caso, mas po-

“O acordo ortográfico pode ter definido onde é que entram ou saem os acentos, mas a maneira de escrever, vocabulário, sensibilidade, isso você não transfere por nenhum acordo ortográfico”

dia até ganhar uma oferta menor. Você não está negociando um ‘best-seller’, um Dan Brown que daqui a três ninguém vai saber quem é. Está a negociar o catálogo de Rubem Fonseca, que daqui a 50 anos, ou para sempre, todo o mundo vai saber quem é.”

Do papel para o digital

Quando em 2009 foi publicado no Brasil o último romance de Rubem Fonseca, “O Seminarista”, a editora Agir também colocou à venda a versão digital. Quando um agente faz um contrato de um livro novo, estrangeiro ou brasileiro, inclui também os direitos para a versão digital da obra, a não ser que a editora não tenha o menor interesse em ter um programa de “e-books”.

Enquanto a percentagem de direitos de autor pagos no livro impresso é de dez por cento para cima, no caso do “e-book” houve um acordo geral no mercado, e ficou estabelecido que nos próximos dois anos (2011/2012) se paga 25 por cento da receita líquida do editor. “É uma espécie de tréguia, sendo possível que depois aumente para 30 ou até chegue aos 50 por cento (metade para o autor e metade para a editora). Neste momento as vendas são muito pequenas e a despesa inicial para o editor é muito alta. Tem de entender o sistema, preparar, comprar os programas. É caro isso, não é pegar no PDF do livro e jogar na Internet.”

Alguns autores têm publicado obras em formato digital em editoras diferentes daquelas em que publicam os livros em papel. Lucia Riff acha que é preciso analisar caso a caso. E dá o exemplo: “Você está numa editora que te está trabalhando muito bem, contrato válido, pagamentos em dia, e essa editora monta um programa de ‘e-book’. Você pega teu livro e bota na mão de um concorrente? Uma editora de ‘e-books’ que não tem catálogo nenhum, não tem ‘backlist’, não tem nenhum compromisso com você, não fez nada teu, só porque ele te vai dar uma comissão um pouco maior?”

Por experiência, a agente literária sabe que neste negócio tem de se pensar a longo prazo e com calma. Avaliar as coisas com serenidade. “Se não virar uma selva. Eu não quero trabalhar num mercado em que você possa usar a palavra carnificina levemente”, conclui Lucia Riff.

O agente literário tem de proteger o autor até contra ele mesmo, se for o caso.

Castelo Branco
09 a 27 de Novembro
organização ASTA

dia 09_ 21:45h_ Cine Teatro Avenida_ "não destruíamos mal-me-querer" _ Rui Simões/Olga Roriz_ Portugal;
dia 12_ 21:45h_ Cine Teatro Avenida_ Centos de pássaros impedem-te de andar_ Abrego_ Espanha;
dia 13_ 10:00h às 23:00h_ Fórum Castelo Branco_ Audiomenis_ Patricia Portela_ Portugal;
dia 18_ 21:45h_ Auditório do IPJ_ Empresta-me o teu coração_ ASTA_ Portugal;
dia 19_ 21:45h_ Auditório do IPJ_ 52º 09' NB_ Medea73_ Holanda;
dia 20_ 21:45h_ Auditório do IPJ_ Nerón_ La quadra Mágica_ Espanha;
dia 25_ 21:45h_ Auditório do IPJ_ 1º PARTY_ Cristina Montero_ Espanha;
dia 26_ 21:45h_ Auditório do IPJ_ "White noise" _ Corvo Manso_ Portugal;
dia 27_ 17:00h_ Auditório do IPJ_ Passagem de Nível_ Palco PIEF (ASTA)_ Portugal;
21:45h_ Cine Teatro Avenida_ Bicho, eres un bicho_ Filipe Francisco e Idoia Zabaleta_ Portugal e Espanha;

www.aasta.info / www.astateatro.blogspot.com

ASTA editores financiados por: dgARTES, M, CAVALEIRO, INATEL, etc.

Rouies & Rituals
路线及礼仪
ROUTES & RITUELS
МАРШРУТЫ И РИТУАЛЫ
ROUAIES & RITUALS
15 A 30 NOVEMBRO 2010
PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS CINEMA SÃO JORGE

EXPOSIÇÕES
CINEMA
CONFERÊNCIAS
CONCERTOS

WWW.EGECAC.PT

ORGANIZAÇÃO: EGEAC
PATROCINADORES: SUPER BULEVARD, etc.
PARCEIROS MEDIA: RTP, etc.
APOIOS: etc.